ANTI CAPITALISTA

N.º 23 (SÉRIE II) – DEZEMBRO 2019

DANIEL BENSAÏD E O COMPROMISSO MILITANTE P.03

TRABALHO SEXUAL P.05

BRASIL DE BOLSONARO P.06-07

PARA ALÉM DA VIDA!

EDITORIAL

PASSAR POR CIMA DOS SOLUÇOS

Em entrevista ao *Combate*, em 1991, José Mário Branco citava Antero de Quental para instigar, com o poeta de *Odes Modernas*, ao caminhar por sobre os soluços rumo às «imensas auroras do futuro». Nessa mesma entrevista, falava de *A Noite*, espetáculo de rebelião contra a morte, contra a «coisa imbecil» que é morrer, e lamentava o momento em que parece não haver projeto face à insegurança do futuro. Esse não se saber o que fazer seria, para ele, uma «segunda noite». Não é preciso ter-se conhecido ou privado com o Zé Mário Branco para se saber que ele nunca quis ser símbolo de coisa nenhuma, para se constatar o desdém com que lidou com vaidades e endeusamentos, que recusava com genuinidade e firmeza. O seu desaparecimento, em novembro último, espoletou um conjunto de reações públicas feitas de contradição que só podem ser avessas à singularidade do autor de *Ser solidário*. Enquanto isso, a extrema-direita em Portugal vai crescendo em visibilidade, aguçando a necessidade de um combate feroz por uma democracia que represente e dê sentido aos despojos do neoliberalismo reinante. Esse combate é político, é anticapitalista, é luta contra essa segunda noite da impassibilidade de que falava o Zé Mário – a vivacidade inteligente e coletiva de quem recusa essa «coisa imbecil» que é a morte. Por isso não fazemos obituários, mas partimos à conquista do tempo e do futuro. É a maneira de se «ser solidário, assim, para além da vida».

Esta solidariedade debate-se, por exemplo, com a política da extração e manipulação da vontade popular em nome da ambição desmedida que marcam a agenda na América Latina. A diversidade de contextos e a complexidade de cada situação não mascaram a causa comum, herdada do passado colonial e ainda hoje manifesta nas derivações ainda coloniais do ultraliberalismo reinante. Tomando por exemplo o caso da Bolívia, torna-se evidente que, para lá de possíveis erros de governação, uma democracia indígena e camponesa desbarata-se na violência do golpe de Estado e no cinismo autoritário de quem o legitima. O silêncio culpado dos autoproclamados bastiões da ordem democrática – incluindo o partido do governo português e o seu compadrio abstencionista – assobia para o lado ante a fúria miliciana e vingativa com que se perseguem representantes eleitos/as e com que se incendeiam casas e bibliotecas de quem ainda ontem exercia um mandato legítimo. A persecução é mais efetiva e completa quando, à imagem do que conhecemos de outras épocas históricas do velho continente, as queimadas de livros iluminam o obscurantismo reinante. A noite avança na Bolívia e na América Latina, nas mesmas chamas que ameaçam a biblioteca de Álvaro García Linera, vice-presidente boliviano, hoje no exílio.

A solidariedade é também um sólido antídoto contra o medo. E a instrumentalização do medo é arma populista de fragilização das democracias. Os resultados eleitorais no Estado Espanhol, com o crescimento exponencial da extrema-direita, referência preferencial do partido português do mesmo quadrante, alertam para os riscos do discurso do medo e da retórica da ameaça, contra os quais se compromete a atenção solidária e a afirmação da alternativa. Por isso avançamos «por cima dos soluços», com uma política assente na proposta. Deixamos para trás a mera proclamação, disfarce preferencial da crítica mais instalada, e aliamos a solidariedade à proposta concreta, fazendo justiça a quem conta connosco nos votos e a quem reivindica connosco nas ruas. É a luta que nos cabe contra a noite, alimentados e alimentadas pela voz e obra de quem nos convida a seguir lutando. Luta sem luto e sem quartel.

Esta é uma publicação da **Rede Anticapitalista**, em que se juntam militantes do **Bloco de Esquerda** que se empenham nas lutas sociais e no ativismo de base.

ÍNDICE

2 **Editorial**
Passar por cima dos soluços

3 **Pensamento crítico**
A lealdade para com os desconhecidos

4 **Ativismo**
Uma voz entre sombras

5 **Debate**
Dois pesos e duas medidas

6-7 **Internacional**
Brasil de Bolsonaro: um ano de governo, décadas de retrocesso

8 **Leituras**
Combates contra a extrema-direita, VVAA
A travessia de Benjamin, Jay Parini
Triângulo mágico. Uma biografia de Mário Cesariny, António Cândido Franco

8 **Acontece**
Descolonizar. Curso de formação antirracista
Encontro Feminista Internacional

Ficha Técnica

Conselho Editorial
Ana Bárbara Pedrosa
Andrea Peniche
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Mafalda Escada
Rodrigo Rivera
Tatiana Moutinho

Participaram nesta edição
Andrea Peniche
Adriano Campos
Beatriz Simões
Hugo Monteiro
Joana Saraiva
Juan Leal
Melina Sofia
Tatiana Moutinho
Tiago Tavares

Depósito Legal
441931/18

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**

PENSAMENTO CRÍTICO

A LEALDADE PARA COM OS DESCONHECIDOS

DANIEL BENSAÏD

O dissidente polaco Karol Modzelewski, a quem perguntaram a razão de ser do seu compromisso obstinado, respondeu simplesmente: «Por lealdade para com os desconhecidos». Tal como a mobilização pelas grandes ideias, o compromisso é uma questão de lealdade, dessas fidelidades moleculares, desses ínfimos laços de memória e ação.

A 11 de julho último [1977], Roberto MacLean foi assassinado às 19 horas na soleira da porta da sua casa, em Baranquilla, por dois sicários paramilitares. A informação não merece uma linha nos jornais. Tudo normal. Baranquilla é na Colômbia, na costa atlântica. Neste país, os assassinatos políticos são às centenas por ano, às vezes milhares.

Sem assunto? Não. O mais vivo dos assuntos.

Em primeiro lugar, porque tenho vontade de saudar Roberto MacLean, com quem partilhei abrigo e teto no México. Animava o movimento cívico de Baranquilla. Era negro e revolucionário. Possuía esta dupla pertença que para ele era uma só. Tinha 39 anos. Era militante desde os 14 anos. Há uma dúzia de anos que vivia a cada dia a crónica da sua morte anunciada. MacLean era o retrato personificado desses desconhecidos aos quais nos liga uma dívida insanável.

DIZ-SE "COMPROMETER-SE"

A forma reflexiva evoca a decisão maduramente tomada de um sujeito soberano. Sob uma modéstia aparente, tem algo de orgulhoso, como se quem se declarasse comprometido honrasse a sua causa. Como se condescendesse doar-se a si próprio.

Por vezes reencontramos antigos combatentes, reciclados pela razão de Estado ou recurvados sobre o seu nicho ecológico privativo, que, com uma ponta de compaixão, se espantam: "Então, ainda és um militante? Que pena que não tenhas feito isto ou aquilo..."

Sem qualquer gosto ou disposição para o jogo das carreiras e das aparências, pela ação política como uma ascese ou um pesado sacrifício, antes pelo contrário, foi enquanto militante que vivi experiências intensas, conheci desconhecidos indispensáveis – precisamente, centenas como MacLean –, provei alegrias raras, tive conflitos amigáveis ou conjunturais necessários ao rejuvenescimento do coração e do espírito.

TAMBÉM SE DIZ "UM INTELECTUAL COMPROMETIDO"

Na medida em que se trabalha com as ideias e as palavras, pode admitir-se "intelectual", ainda que Gramsci faça notar que, se na divisão do trabalho se pode admitir a existência de uma categoria social definida como intelectual, pelo contrário, o não-intelectual não existe.

A ordem das palavras perturba-me: em primeiro, intelectual; o comprometimento parece advir daí. Como se a ação fosse a razão aplicada [a aplicação da razão]. Sempre esse primado cultural do conceito, que deixa pouco espaço às revoltas e às emoções, ao modo como se toma partido numa disputa e, portanto, se entra na luta.

Comprometido intelectual talvez fosse mais conveniente. Para traduzir a inquietude permanente das razões e a lógica íntima das paixões.

Comprometido intelectual?

Então, porque não dizer simplesmente militante.

Nestes tempos de individualismo sem individualidade, a palavra tem uma má conotação. Soa um pouco a – dir-se-á – caserna e a soldado raso. E o comprometimento? "Comprometam-se..." Na legião, na polícia, nas ordens?

Militância tem, pelo menos, a vantagem de indicar o sentido do coletivo. A militância não é um prazer solitário, mas um ato partilhado. Um pequeno passo na via do «comunismo de pensamento» (e ação) que Dionys Mascolo procurava com tenacidade.

Porque a militância é, no fim de contas, a própria ética da política, um «pensamento de atos», o teste prático das ideias de uma obrigação (contrário de uma imposição instituída) que fixamos em relação aos outros. «Toda a atividade política é moral, implica-se no universo de valores morais e, consequentemente, acarreta um juízo moral», escrevia também Mascolo (e, tratando-se de comprometimento, como não pensar nele, como não voltar a lê-lo, no dia seguinte à sua morte?).

A militância implica preferencialmente uma forma organizada que comporta uma memória e põe as ideias em comum. Mas não necessariamente. De uma forma mais geral, poder-se-ia dizer que, com ou sem pertença, a atitude militante opõe-se à do eterno simpatizante, do *compagnon de route*, que preserva a sua autonomia e se reserva o recurso – tão necessário – de jogar com ambas as mãos em dois tabuleiros.

Mascolo consagrou mais de uma página ao «sombrio caso do simpatizante» – o tipo que ontem tinha sido o «estalinista do exterior» –, tão enformado de preconceitos, tão imbuído da sua liberdade e, no entanto, tantas vezes tão servil. Este [o simpatizante] constitui um dos «piores subprodutos do estalinismo» e desempenhou o seu papel com a mais «culpada das inocências».

CONTINUA ONLINE

ATIVISMO

UMA VOZ ENTRE AS SOMBRAS

JOANA SARAIVA

Eu sei que entre mim e a imagem, há o mundo, há a palavra dos outros, uma grande distância.

Evgen Bavcar

Evgen Bavcar é um artista visual. É fotógrafo. É cego.

Para fabricar as suas imagens, Bavcar conta com colaboradores que lhe descrevem os vários momentos do seu processo compositivo, a fim de ajustar a imagem final ao que imaginou. Conta, portanto, com uma audiodescrição.

A audiodescrição (AD) é uma tradução intersemiótica que transforma informação visual em palavra, narrando o que pode ser visto. É um recurso usado sobretudo em contextos culturais e possibilita o acesso de pessoas portadoras de deficiência visual à oferta cultural disponível. Sendo difícil traçar a história da AD em Portugal, por muitas vezes se ter feito de modo espontâneo e/ou informal, é possível afirmar que está formalmente disponível há bem mais de uma década.

Apesar da sua crescente implementação, este recurso é ainda pouco conhecido ou simplesmente ignorado. Neste momento, correm a par duas lutas: (1) A da acessibilidade como direito fundamental e (2) a do reconhecimento da profissão e regulamentação das carreiras dos técnicos e técnicas que a tornam possível.

A invisibilização da AD traz consigo inevitavelmente a das pessoas com deficiência visual, que são assim privadas de frequentar inúmeros espaços de socialização. Pensemos nas vezes que encontramos alguém com deficiência visual no teatro ou num museu. Com a invisibilidade do recurso, vem a dos técnicos e técnicas de AD e a de uma carreira que não é reconhecida nem está regulamentada. A AD exige o domínio de uma técnica específica e não pode ser equiparada a uma tradução pura e simples.

A luta pela implementação do recurso implica frequentes ações de sensibilização para a plena inclusão. As estruturas culturais que querem contar com o serviço de AD enfrentam, para além das dificuldades orçamentais que não deixam margem à contratação do serviço, outras dificuldades, como, por exemplo, a comunicação com um público que, não sendo homogéneo, tem características específicas e que exige que a divulgação da oferta se faça por meios também específicos. Mas falar de AD é falar também de estruturas que não assumem a tarefa da inclusão como sua, como pertinente, ou, mais preocupante ainda, que não a consideram rentável. Que fazem o cálculo de quantos mais bilhetes se venderam para justificar o investimento no recurso. Como se a inclusão fosse uma extravagância e não uma obrigação e um direito.

Com esta obrigação e este direito, vem uma responsabilidade. Porque, como lembra Saramago, há a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam. As decisões que tem de tomar aquele que se lança nesta tarefa, para lá de técnicas, são éticas e políticas. Porque entre o mundo e quem não vê há a palavra, essa distância de que fala Bavcar. Audiodescrever confere poder a quem descreve. Quem tem o privilégio da visão e a prerrogativa da descrição, estabelece a identidade do objeto, sobretudo se o seu destinatário não tiver a possibilidade de elaborar uma descrição alternativa. A AD não pretende levar a ninguém a luz. O seu desafio é transformar poder em potência e garantir autonomia para a formulação de um juízo próprio. A prática da AD será tão mais inclusiva quanto mais potencie a emancipação de quem usufrui dela. E será tão mais implementada quanto mais depressa se regulamente esta prática.

A AD é o reverso discursivo das fotografias de Bavcar. Estas constroem uma poética da invisibilidade: nascem da sombra débil entre a escuridão e a luz, da reunião do visível com o invisível. Bavcar fotografa como forma de não rendição à sua condição. Subverte os métodos estabelecidos de perceção: aquele que não vê produz as imagens para os que veem, afrontando um mundo que cultiva o poder da imagem e que faz sempre equivaler o conhecimento à luz.

AUDIODESCRIÇÃO DA IMAGEM

Sobre fundo preto, e em contraste com este, está uma bicicleta branca, posicionada com o guiador do lado esquerdo da imagem e a roda traseira do lado direito. Aparecendo sobre o fundo preto, acima da bicicleta, e da esquerda para a direita, temos uma sequência da mesma imagem de um punho branco sobre o pulso de uma mão que agarra a asa de uma andorinha branca. A mesma imagem da mão aparece repetida sobre as rodas dianteira e traseira.

DEBATE

DOIS PESOS E DUAS MEDIDAS

MELINA SOFIA

Trabalhas constantemente para os outros, e eles lucram com o teu trabalho, mas eu é que sou chulada.

O lucro que os outros fazem com o teu trabalho alimenta a máquina capitalista, mas eu é que sou a porca capitalista.

Continuas a adiar os teus sonhos porque não tens energia para mais nada, mas eu é que sou pouco ambiciosa.

Continuas a perseguir a beleza normativa e socialmente aceitável nas tuas relações e ficas enojada com o facto de eu ter sexo com pessoas com diferentes tipos de corpos, mais velhas, "pouco atraentes", mas eu é que sou superficial.

Precisas de cumprir um código de indumentária para ires trabalhar e seres respeitada, mas eu é que sou constantemente objetificada.

Fazes sexo para manteres o teu casamento, teres filhos/filhas, garantires o teu estatuto, manteres um clima de paz familiar, mas eu é que não entendo o que é o consentimento.

O teu trabalho não é criminalizado e não podes ser presa por o desempenhares, mas eu é que tenho um trabalho fácil.

O teu trabalho das 9 às 5 rouba-te o tempo para estares com os teus filhos/filhas, mas eu é que sou a má mãe.

És intimidada todos os dias no trabalho, mas eu é que tenho baixa autoestima.

No teu trabalho não discutes as tuas limitações, as coisas que queres ou não queres fazer ou quanto cobrarias para fazer algo que não te agrada, mas eu é que não conheço os limites.

Continuas a ter pessoas a dizerem-te o que fazer com o teu tempo, quando tens férias ou folgas, mas eu é que não tenho iniciativa.

Consomes álcool e fumas drogas em quantidades absurdas para teres energia, mas eu é que sou a dependente de drogas.

Vais para a cama com pessoas que acabaste de conhecer, mas eu é que me meto em situações perigosas.

Trabalhas para teres o que comer e para sustentar outras e outros, para pagar os teus vícios, para sobreviveres, mas eu é que sou a vítima.

Resumes-me aos meus genitais, mas eu é que sou a má feminista.

Vendes todo o teu precioso tempo e criatividade a uma empresa, a um patrão, a pessoas que detestas, mas eu é que sou a puta.

Como trabalho que faz parte do tecido social em que nos inserimos, o trabalho sexual beneficia mais pessoas brancas e cis, mas, mesmo assim, abarca pessoas de todos os tipos sociais, culturas, formação, diversidade funcional, neuro-diversidade, género e classe, mas tu achas que é um trabalho de merda e degradante.

O trabalho sexual é o único trabalho que algumas pessoas podem fazer, mas tu achas bem criminalizar pessoas que já são marginalizadas e tirar-lhe o seu ganha-pão e as suas formas de sobrevivência.

O trabalho sexual está longe de ser perfeito, exatamente porque é um trabalho! As pessoas precisam mesmo de parar de pensar que o trabalho sexual é um mal e que as suas vidas de exploradas noutro lado qualquer são perfeitas.

Podemos começar a ter conversas mais sérias e significativas? Conversas sobre, por exemplo, como destruir o capitalismo e termos todas e todos vidas mais plenas?

INTERNACIONAL

BRASIL DE BOLSONARO: UM ANO DE GOVERNO, DÉCADAS DE RETROCESSO

JUAN LEAL*

Não se pode dizer que o governo de Bolsonaro tem sido uma grande surpresa. Desde a campanha presidencial em 2018, seu projeto econômico foi apresentado de maneira sucinta: para gerar emprego, seria preciso retirar direitos. Essa dicotomia servente exclusivamente aos interesses das elites econômicas já deixava nítido qual seria a orientação de seus planos, caso fosse eleito. Hoje, após quase um ano de governo, Bolsonaro demonstra seu empenho em adequar o Brasil às necessidades impostas pela burguesia durante mais uma crise programada do capitalismo global e hiperfinanceirizado, enterrando de vez a discussão sobre um projeto de país para dar poder irrestrito às vontades do mercado. Em seu lema Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, a sua fé está no Deus Mercado.

Sob o comando de Paulo Guedes - um economista investigado por fraudes milionárias em fundos de pensão -, a política econômica se ancora no mantra vazio do corte de gastos para promover uma violenta retirada de direitos da classe trabalhadora e a diminuição do Estado enquanto instituição capaz de arranjar alguma mediação entre os interesses das classes. A Reforma da Previdência, inspirada no fracassado modelo chileno de Pinochet, foi o primeiro e mais representativo ato dessa política. Com um suposto déficit menor do que a dívida das grandes empresas com a previdência, o governo escolheu não incomodar seus devedores e entregou a conta para os trabalhadores. O aumento da idade mínima (em alguns casos, acima da expectativa de vida) e a redução do valor da aposentadoria foi apenas um dos aspetos de uma reforma que desmontou o sistema de seguridade social de um dos países mais desiguais do mundo, para estimular a previdência privada e aumentar os já exorbitantes lucros dos banqueiros.

O mito de que a flexibilização das leis trabalhistas atrairia mais investimento de capital para o país e, por consequência, geraria mais emprego não vem encontrando respaldo na realidade concreta, porém ganhou uma sobrevida no estímulo contínuo, a tal da economia criativa. Um jeito moderno de abandonar o trabalhador ao azar do mercado. O recuo

do índice de desemprego no Brasil, comemorado pelo governo (apesar de ainda atingir 12,6 milhões de pessoas), foi compensando por um crescimento recorde do trabalho informal. Estima-se que cerca de 36 milhões de brasileiros trabalhem sem carteira assinada ou por conta própria, ou seja, não estão segurados sequer pelos resquícios dos direitos trabalhistas que sobraram depois das últimas reformas. Por outro lado, em cumprimento às promessas de campanha, o lucro dos quatro maiores bancos com ações na bolsa também bateu o recorde: obteve um crescimento de 15%, o maior nos últimos 13 anos.

As políticas ultraliberais de Bolsonaro não pararam na acentuação da superexploração do trabalho, mas intensificaram a espoliação através do desmantelamento da proteção e de políticas públicas pétreas da Constituição brasileira. A lógica privatista impera. Áreas como saúde e educação são sistematicamente atacadas, com cortes de verbas e tentativas de desmonte, para possibilitar a famigerada entrega de estruturas, serviços e patentes aos grandes conglomerados da iniciativa privada. A mercantilização total e predatória dos recursos naturais é outra marca deste governo, que afirmou não abrir mão da exploração econômica da Amazônia. Os índices de desmatamento são os maiores em mais de uma década, chegando a crescer 212% no mês de julho/19. Jair Bolsonaro tenta transformar o país em um quintal de seu corporativismo familiar, agindo contrariamente aos interesses públicos, enquanto sua equipe trabalha para garantir as vontades da burguesia que o sustenta.

A concomitância entre a violenta retirada de direitos e o autoritarismo no controlo social não é mera coincidência. A reestruturação do capitalismo tem mostrado que essa nova fase é, em essência, antidemocrática e não vem poupando esforços para garantir a manutenção da dominação burguesa. Não à toa, a ala militar mais saudosa da ditadura de 1964 se tornou protagonista no atual governo brasileiro. Os discursos autoritários de Bolsonaro ganharam materialidade em diversos casos de censura, que se deram não somente pela proibição direta da liberdade de expressão, mas também pelo esvaziamento dos investimentos públicos. A extinção do Ministério da Cultura, rebaixando a pasta ao nível de Secretaria Especial (ou seja, sem recursos próprios), e a entrega do seu comando a um fanático que abertamente declara uma "guerra cultural" contra a esquerda demonstram a real intenção: suprimir a diversidade e a liberdade de criação da sociedade civil para concentrar a produção cultural no Estado. Sem nenhuma novidade histórica, essa é uma característica estruturante de regimes totalitários.

Como parte deste mesmo projeto, a crise que se instaurou no interior do PSL (Partido Social Liberal), culminando com a desfiliação de Bolsonaro, abriu caminho para que o verniz republicano cedesse espaço à criação da Aliança pelo Brasil (APB), novo partido controlado pelo clã familiar do presidente. O manifesto partidário traça as linhas gerais de um velho programa: a identificação de um inimigo único (o comunismo), o ultranacionalismo, as críticas à democracia liberal e a ode a uma figura messiânica. O texto é direto ao dizer que somente cabem no partido os fiéis seguidores do Messias Bolsonaro. Com um apoio explícito da Igreja Universal (incluindo a Record, sua grande rede de comunicação) e outro velado de grupos milicianos, sob o lema "Deus, pátria e família", o primeiro partido neofascista do Brasil encontra as condições materiais e culturais adequadas.

Essa movimentação de Bolsonaro reforça seu descompromisso com as vias políticas tradicionais, menosprezando os acordos necessários para compor sua base no Congresso, essenciais ao presidencialismo de coalização que ainda é marca da Nova República. O presidente busca capitanear a crise política e de representatividade que ganhou força após as manifestações de 2013 para um projeto que nega o regime, mas sustenta o sistema. A solidificação das bases que o alçaram ao poder conjugou o assistencialismo, a partir da precariedade das condições materiais em que a avassaladora maioria dos brasileiros está inserida, e a disputa cultural. E o apoio das igrejas neopentecostais é basal.

Não se trata somente de um debate entre diferentes discursos e narrativas, mas de um intenso trabalho de base realizado por grupos alinhados à extrema-direita, por isso, Bolsonaro se sente confortável para governar à revelia das diretrizes da velha política brasileira e faz com que esses aspetos da conjuntura estejam para além de uma marola de quatro anos. O Brasil, hoje, é palco de uma reestruturação do capitalismo que passa por uma nova hegemonia cultural, portanto, seus efeitos tendem a ser duradouros. No meio de um processo repleto de incertezas, uma coisa é certa: o que se vive no país não começou no processo eleitoral e nem será vencido somente através dele.

* JUAN LEAL É MEMBRO DA DIREÇÃO DO PARTIDO SOCIALISMO E LIBERDADE (PSOL) NO RIO DE JANEIRO.

LEITURAS

COMBATES CONTRA A EXTREMA-DIREITA
VVAA
2019 | 288 páginas
Edições Combate
PVP: 15 Euros

Trinta anos depois do assassinato do Zé da Messa, o que era um movimento marginal de rufias repetindo discursos paranoicos tornouse, em muitos lugares, dos Estados Unidos a alguns grandes países europeus, latinoamericanos e asiáticos, um amplo movimento político que disputa o poder ou já o conquistou. Este livro de homenagem a José Carvalho, que reúne testemunhos e reflexões de uma dezena de militantes e de historiadores, dá conta dessa realidade e discute como lhe fazer frente.

A TRAVESSIA DE BENJAMIN
Jay Parini
2019 | 368 páginas
Elsinore
PVP: ± 20.99 Euros

Durante os anos 1930, o filósofo alemão Walter Benjamin dedicou o seu tempo à escrita na Paris que tanto adorava. Porém, em 1940, quando os tanques nazis chegam às portas da cidade, o judeu Benjamim foi forçado a fugir, levando consigo a mala com os seus manuscritos. O livro relata esses dias cinzentos, a relutância de Benjamin em aceitar o perigo e a necessidade de partir, fazendo incursões pelas memórias de infância e juventude do filósofo, pelos seus amores e desamores e pelas amizades com personagens bem nossas conhecidas, como Bertolt Brecht e Theodor Adorno, por exemplo. Pelo seu caráter biográfico, desde a primeira página do livro que sabemos o fim trágico que traz dentro. E por isso é uma leitura tão intensa, permanentemente acompanhada por um nó na garganta.

O TRIÂNGULO MÁGICO. UMA BIOGRAFIA DE MÁRIO CESARINY
António Cândido Franco
2019 | 512 páginas
Quetzal
PVP: ± 22.20 Euros

Trata-se de uma biografia de Mário Cesariny (1923-2006), poeta e pintor muito justamente considerado como um dos expoentes do surrealismo português. E, como qualquer biografia séria, revela um trabalho de investigação profundo sobre os factos de vida do biografado, mas também sobre a sua época, as suas relações, a forma como essa vida se inscreve no tempo, redefinindo-o. Este livro revela-se, a este título, exemplar, pelo modo como se compromete com a obra de Cesariny, encarando a tarefa de refletir a sua vida como um verdadeiro trabalho de escrita. Enquanto leitor de Cesariny, na sequência de um mergulho profundo e problematizador pela sua vida e obra, António Cândido Franco faz uma viagem singular e absorvente pelas várias dimensões de um dos mais indomáveis provocadores do panorama artístico português. O livro oferece uma perspetiva invulgarmente documentada quanto às questões filosóficas, estéticas e literárias que definem o espaço cultural dos séculos XX-XXI, esclarecendo o papel e a centralidade de Cesariny na arte e na literatura contemporâneas.

ACONTECE

Lisboa | 7 dezembro | FCSH_UNL
Em cima da mesa vai estar a discussão sobre as narrativas, os factos e os mitos do colonialismo português, sua história, memória e longa persistência na sociedade portuguesa, contribuindo para qualificar a intervenção cidadã e o combate político, disseminando conhecimento numa perspetiva crítica e emancipatória. Conta com a presença de Miguel Bandeira Jerónimo, Fernando Rosas, Bruno Sena Martins, Cristina Roldão, Marta Araújo, Miguel Cardina, Ana Rita Alves, Nuno Domingos e Beatriz Gomes Dias.

Porto | 13-15 dezembro | Encontro Feminista Internacional

13 dezembro | 21H30 (local a definir)
Apresentação do projeto Feminismos Sobre Rodas - rota 2019

14 dezembro | Galeria Geraldes
10-13 horas | Seminário: Movimento Feminista Internacional e Feminismo Anticapitalista

14h30-16 horas | Oficinas: Feminismo e antirracismo e Direitos reprodutivos

16h30-17h30 | Tricotando ideias: debate a partir das oficinas

18-20 horas | Oficina de colagens, com Marguerite Stein (França, Feminicides Collages Paris)

21 horas | Colagem coletiva

23 horas | Festa feminista

15 dezembro | Galeria Geraldes
11-19 horas | Oficina de Teatro da Oprimida, com Deyanira Benedetto (Argentina-Espanha, La Mujer Escena)

Contactos
email **redeanticapitalista@gmail.com**
facebook.com/**redeanticapitalista**
web **www.redeanticapitalista.net**